



Reserva Ecológica do IBGE Aprenda com a Natureza



Prezados,

Apresentamos, no terceiro Informativo RECOR de 2013, a Estação Meteorológica do IBGE que, há 30 anos, coleta e registra informações necessárias para as previsões de tempo e para a composição da série histórica de dados climáticos do nosso país, como parte da rede de estações convencionais do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET). Incluímos também, nessa edição, os 77 anos do IBGE, as comemorações do mês das mães e a crônica enviada pelo nosso querido colega Tarciso Filgueiras.

Equipe do Centro de Estudos Ambientais do Cerrado - UE/DF

Dia 29 de maio - IBGE 77 anos

O aniversário de uma instituição é uma data para se comemorar e também uma oportunidade para erguer sua memória e registrar as histórias de suas atividades e as lembranças de seus servidores.

No âmbito do IBGE, parte desses registros pode ser encontrada, de forma bastante curiosa, nos relatórios de campo, que tanto mudou no decorrer dessas 7 décadas. Onde hoje se vai de carro, de caminhão, de avião antes se chegava de trem de ferro, de carroça, caminhando; o GPS que um servidor leva hoje em seu bolso como principal instrumento de trabalho dos projetos da Diretoria de Geociências, substituiu o trabalho de muitos homens, vários equipamentos (teodolito, bússola, gravímetro, etc) e até a força dos animais.

Na campanha das coordenadas das sedes municipais, entre 1944 e 1953, por exemplo, nosso saudoso e querido Engenheiro Dalmy relata detalhes da viagem, feita com bravura e com apoio de outras instituições, no caso, o Departamento Geográfico de Minas Gerais:

"Essa organização estadual nos forneceu o arriamento da tropa, as barracas, o tropeiro, os passes para o transporte pela Rede Mineira de Viação e pela Estrada de Ferro Goiás, de pessoal e de material entre Belo Horizonte e Vianópolis, além de uma turma completa de reconhecimento. Por compra no interior do Estado, adquirimos parceladamente a nossa tropa de muare. Com 6 camas de campanhas e mais algum material de cozinha completamos nosso singelo equipamento de principiantes. Foi assim que se criou no Conselho Nacional de Geografia, já confiante no seu futuro, a Triangulação que só mais tarde, por volta de 1946 começou a tomar consistência". (Relatório, 1954, Seção de Triangulação, p.1).

Uma outra informação interessante documentada pelo Sr. Dalmy, é a distância percorrida pela equipe no ano de 1954: "(...) 355.041,6 km, o suficiente para darem cerca de 8 voltas em torno da terra, pela linha equatorial" (idem, p. 16).

Passados quase 50 anos, hoje os servidores do IBGE continuam percorrendo o Brasil, agora com equipamentos sofisticados que permitiram, por exemplo, a informatização da coleta dos dados do Censo Demográfico 2010.

Os resultados desse trabalho revelam não apenas o Brasil mas o tamanho e o valor da instituição que retrata os 190.732.694 brasileiros. "Para se chegar a esse resultado, pelo menos um morador de cada um dos 56.541.472 domicílios ocupados, distribuídos nos 5.565 municípios do país, abriu a porta para um dos 191 mil recenseadores contratados pelo IBGE fazer o recenseamento em todo o território nacional".

Parabéns IBGE!



1º acampamento de Triangulação do Conselho Nacional de Geografia . Goiás, 1944.

Comemoração do dia das mães na RECOR

No dia 10 de maio preparamos um café da manhã para parabenizar os aniversariantes de maio, saudar os novos estagiários e terceirizados e felicitar as mães.

Uma das primeiras iniciativas para criação de uma data em homenagem às mães foi dada, nos Estados Unidos, pela ativista Ann Maria Reeves Jarvis que organizou, em 1865, os dias de amizade para as mães (*Mother's Friendship Days*) que se propunham a melhorar as condições dos feridos na Guerra de Secessão que assolava o país naquele período. Mais cedo, em 1858, Jarvis já havia fundado o *Mothers Days Works Clubs* com o objetivo de realizar ações voltadas à diminuição da mortalidade de crianças nas famílias de trabalhadores.

No entanto, reconhecida como idealizadora do Dia das Mães na sua forma atual é a metodista Anna Jarvis, filha de Ann, que em 12 de maio de 1907, dois anos após a morte de sua mãe, criou um memorial em honra à ativista e iniciou um campanha para que o Dia das Mães fosse um feriado reconhecido.

Em 8 de maio de 1914 o congresso americano aprovou a ideia e definiu o segundo domingo do mês como Dia das Mães. Assim, o Dia das Mães já foi celebrado pela primeira vez em 9 de maio daquele ano. Com a crescente difusão e comercialização da data comemorativa Anna Jarvis afastou-se do movimento, lamentando sua criação e lutando pela abolição do feriado.

No Brasil, em 1932, o presidente Getúlio Vargas oficializou a data também no segundo domingo de maio, sendo que, em 1947, D. Jaime de Barros Câmara, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, determinou que ela fizesse parte no calendário oficial da Igreja Católica.

Desde então e até os dias de hoje, o Dia das Mães continua marcando nosso calendário festivo, nos fazendo render homenagens às mulheres que sendo mãe espelham a vida.



Turma da GEC comemorando o Dia das Mães (acima) e recebendo as homenagens pelo tempo de serviço no IBGE, por ocasião dos 77 anos da Instituição (abaixo).



Estação meteorológica da RECOR: um ponto da rede de estações convencionais do INMET

Diariamente a equipe formada pelos servidores Zequiel de Azevedo Bastos, Francisco das Chagas de Araújo Oliveira (Chiquinho) e os servidores da Guarda lê e anota vários parâmetros meteorológicos (pressão atmosférica, temperatura e umidade relativa do ar, precipitação, insolação, direção e velocidade do vento, etc) registrados pelos sensores da Estação da RECOR. A atividade é feita três vezes ao dia, nos horários de 9, 15 e 21 horas e, ao final de cada mês, os dados são enviados ao Instituto Nacional de Meteorologia (INMET).

Desde 1979, a equipe de servidores da RECOR colabora com as previsões do tempo e clima feitas pelo INMET, com os pesquisadores que trabalham na área e com os brigadistas e bombeiros que demandam dados nos períodos críticos da estação seca.

As leituras dos parâmetros meteorológicos realizadas pelos nossos colegas são feitas nos seguintes sensores:



Anemômetro - mede a velocidade do vento (em m/s). Existem alguns modelos/tipos que também medem a direção, em graus.



Barógrafo - registra continuamente a pressão atmosférica em milímetros de mercúrio (mm Hg) ou em milibares (mb).



Heliógrafo - registra a insolação ou a duração do brilho solar, em horas e décimos.



Tanque Evaporimétrico Classe A - mede a evaporação, em milímetros (mm), numa superfície livre de água.



Termômetros de Solo - indicam as temperaturas do solo, a diversas profundidades, em graus Celsius (°C)



Barômetro de Mercúrio - mede a pressão atmosférica em coluna de milímetros de mercúrio (mm Hg) e em hectopascal (hPa).



Termohigrógrafo (ao fundo) - registra, simultaneamente, a temperatura (°C) e a umidade relativa do ar (%).

Termômetros de Máxima e Mínima (a frente) - indicam as temperaturas máxima e mínima do ar (°C), ocorridas no dia.



Pluviômetro (a frente) - mede a quantidade de precipitação pluvial (chuva), em milímetros (mm).

Pluviógrafo (ao fundo) - registra a quantidade de precipitação pluvial (chuva), em milímetros (mm).



Vista panorâmica da Estação Meteorológica da RECOR



Chiquinho e Zequiel, servidores do IBGE lotados na Reserva Ecológica do IBGE, que diariamente registram as informações da Estação Meteorológica

Leitura complementar

SUSTENTO & SUSTENTABILIDADE

Tarciso Filgueiras*

A metáfora do pão de cada dia continua tão atual quanto no passado. A maioria de nós precisa trabalhar para garantir o próprio sustento e o de quem de nós depende. Sobre isso todos concordam. A discordância começa quando tomamos consciência de que, para ganhar esse pão, temos que atuar sobre o meio ambiente e todas as nossas ações sobre o meio em que vivemos têm consequências diretas ou indiretas. No final das contas, as demandas sobre o ambiente natural são o fator mais impactante. Algumas ações exercidas pelo homem apresentam consequências imediatas, enquanto outras só vão aparecer anos ou mesmo décadas depois. Na prática, muito do que fazemos hoje só vai surtir efeito, positivo ou negativo, daqui a vinte, trinta, cem anos. Se alguém despeja um litro de óleo de fritura usada na pia de sua cozinha, aparentemente, nada acontece. Porém, aquele óleo vai poluir centenas de litros de água potável, que, mais dia menos dia, vão fazer falta. Importante lembrar que não há substituto para a água. Temos várias alternativas alimentares, mas nenhuma para a água, porque nada substitui este precioso líquido. Igualmente, se alguém recupera uma floresta, vão decorrer anos para que os processos ecológicos voltem a atuar adequadamente na nova floresta que se forma.

Todos os países querem crescer, todas as cidades, todas as vilas, bairros, famílias e indivíduos. Todos querem expandir seus negócios, sua área de ação, sua abrangência. Isto parece e é natural. Também todas as plantas e animais tendem a aumentar o número de indivíduos de suas respectivas espécies. É uma lei da Natureza, o famoso “crescei e multiplicai-vos”. No entanto, é preciso lembrar que há limites para o crescimento. Nenhum sistema biológico expande-se infinitamente. Com o tempo, a própria Natureza impõe seus rígidos limites. Isto se aplica tanto a uma colônia de bactérias mantida em laboratório, quanto às sociedades industrializadas. Alguém já reparou na quantidade de sementes que existem dentro de um mamão maduro? Pois é. Cada uma delas quer se transformar em um pé de mamão. Igualmente, todos os milhões de espermatozoides presentes numa ejaculação querem porque querem fecundar um óvulo!

O Brasil encontra-se agora em plena carreira desenvolvimentista. Ainda bem. Muitas gerações se passaram até que isso começasse a acontecer. Parece que, finalmente, chegou a nossa vez. Parece. Mas, o modelo de desenvolvimento que estamos perseguindo, aquele no qual nos espelhamos é o americano. Aliás, praticamente todo o mundo se espelha nesse modelo. Todos almejam, um dia, serem os Estados Unidos. O Brasil é um súdito fiel desse modelo. A coisa é tão escancarada que houve uma época que o nome oficial do nosso país era “Estados Unidos do Brasil”. Quem se lembra?

Ocorre que o modelo americano, em escala mundial, é insustentável. Não há como cada pessoa no bairro, na cidade, no país, no Planeta, ter um, dois, três carros, comprar, consumir tudo que seu coração sonha e deseja. Há limites para tudo porque todos os recursos naturais deste Planeta são finitos. Se a exploração desenfreada, sem planejamento nem controle continuar sua escala ascendente, vai chegar uma hora que as florestas vão sumir, a biodiversidade vai se reduzir a quase zero, a água potável vai se exaurir, as terras habitáveis vão acabar. Isto porque há limites para todo crescimento, repito.

O que fazer, pergunta o cidadão de boa vontade. Ninguém tem respostas prontas, infalíveis. No fundo, tudo que temos são meras tentativas. Só podemos especular, sugerir. Veja estas sugestões, todas baseadas no bom senso e nos princípios da cidadania: Mudar as atitudes de consumo, reduzindo, por tabela, os níveis de poluição. O consumo consciente parece ser outra resposta. Reciclar é preciso. Neste esquema, educação é fundamental. Depois, conscientizar-se de que não há solução individual. Estocar alimentos, água, dinheiro não vai resolver o problema. As soluções têm que ser gerais, globais e atingir toda a sociedade. Neste contexto, as redes sociais podem ter papel preponderante, se bem orientadas e atuarem para o bem de todos. E, é claro, todos têm que fazer sua parte, diariamente, individualmente. Mesmo que ninguém veja e, principalmente, quando ninguém está vendo. Devemos agir sempre como eco-cidadãos: Economizar água e energia, não sujar as ruas, obedecer às leis de trânsito e as do bom convívio social, visando sempre o bem comum. O bem de todos que estão aqui agora e daqueles que virão depois de nós. Ou seja, nossos descendentes diretos e indiretos. Aqueles que carregam nossos genes e nossos sobrenomes.

Utopia? Talvez. Contudo, se sonharmos juntos, agiremos juntos, teremos vitórias e derrotas juntos. Parece que esta é a mensagem daquele poeta de Liverpool, tragicamente assassinado em frente ao prédio onde morava, em Nova York. A mensagem dele é, resumidamente, algo assim: “Você pode achar que sou um sonhador, mas não sou o único. Quem sabe você resolve juntar-se a nós e, então, o mundo será como se fosse um!”.



*Tarciso Filgueiras é pesquisador e professor.
Email: tfilg@uol.com.br